

# UMA AGENDA ESTRATÉGICA PARA O RIO GRANDE DO SUL

Gustavo Grisa <sup>1</sup> - <http://www.gustavogrisa.com.br>

## I – Crônica do Tempo Perdido

A pobreza, seja econômica, cultural, ou política, tem as mesmas raízes: a incapacidade de adaptar-se às mudanças do mundo, e o apego a práticas, valores e crenças de uma estrutura político-econômica formatada para outros tempos e interesses. A condição sócio-econômica do Rio Grande do Sul é significativamente inferior ao seu potencial considerando nossas condições sistêmicas e de desenvolvimento humano.

Os fatores clássicos que separavam o desenvolvimento do subdesenvolvimento, como condições naturais, étnicas, climáticas e populacionais já foram desmentidos por ciclos virtuosos que transformaram países como a Coreia do Sul, Cingapura, Austrália, Portugal, Espanha e a reconstrução européia e japonesa, em diversas oportunidades.

A exclusão social, mecanismo perverso que realimenta os ciclos de retrocesso, tem raízes na falta de percepção da sociedade organizada do que deve ser um projeto contínuo de convivência e construção.

O primeiro passo é uma análise cuidadosa do que é a sociedade em que se vive em nosso Estado, e uma visão sem preconceitos e ranços do que aconteceu, e de que como chegamos até aqui. Antes de procurar culpados e a desagregação, identificar acertos e caminhos que não foram completados; antes de entrar em elucubrações e teses louváveis mas nunca são levadas à prática, identificar programas básicos em que uma participação colaborativa da sociedade pode construir, sem grandes recursos ou custos, movimentos virtuosos de transformação.

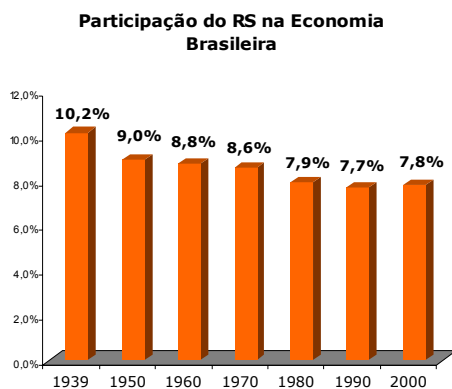
A pobreza e o atraso envergonham, massacram, acabam com a esperança e o bem-estar de famílias inteiras, ainda mais por saber o quanto elas são fruto de falta de gestão, estratégia e ação. O objetivo dessa análise e programas é suscitar discussões que possam resultar em uma agenda que coloque o Rio Grande do Sul efetivamente no século XXI, independentemente de grupos de poder e interesses menores.

---

<sup>1</sup> **Gustavo Grisa** ([grisa@gustavogrisa.com.br](mailto:grisa@gustavogrisa.com.br)) é economista formado pela UFRGS, com MBA em Negócios Internacionais pela Thunderbird- The Garvin School of International Management ([www.tbird.edu](http://www.tbird.edu)). Trabalhou como analista de risco político para países da América Latina, Leste Europeu e África. Atualmente atua na iniciativa privada nas áreas de planejamento e inteligência estratégica. O site [www.gustavogrisa.com.br](http://www.gustavogrisa.com.br) conta com aproximadamente 4.000 assinantes e publica análises sobre Desenvolvimento e Tendências Internacionais, reproduzidas em veículos da imprensa especializada.

A manifestação de pobreza mais acintosa é a incapacidade do Rio Grande do Sul de regenerar-se, de avançar, de incorporar as mudanças do mundo. Muitas das questões que ainda vemos em discussão são aquelas anteriores à primeira metade deste século, como a histórica e problemática dependência das *commodities* agrícolas, as desigualdades regionais e o pouco pragmatismo das ações de Governo, com uma relação historicamente problemática e titubeante com o Governo Federal, mesmo tendo 8 presidentes da República nascidos no Estado nos últimos 60 anos.

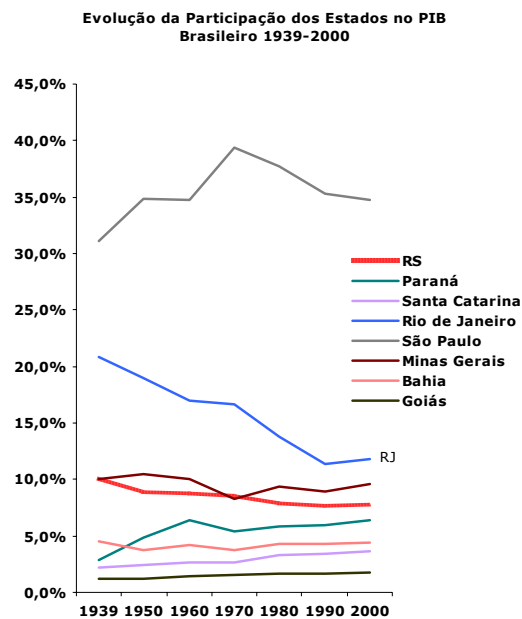
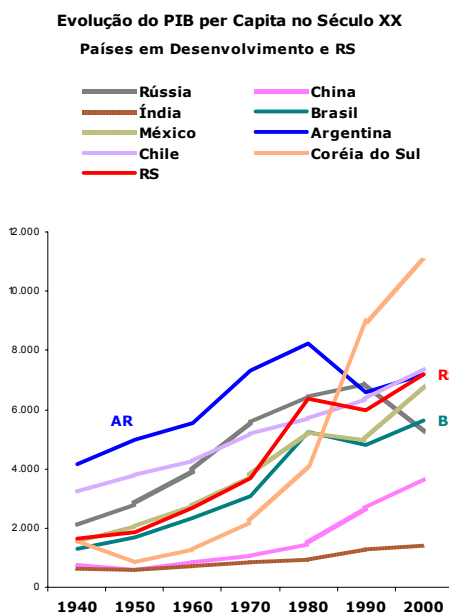
Os bolsões de atraso cultural e baixa geração de renda em diferentes regiões do Estado jamais foram assumidos de frente pela sociedade gaúcha. Em resumo, o nosso Estado, a despeito de belas façanhas de embates políticos, da rica retórica que produziu líderes e tribunos de expressão nacional e internacional, é vítima das mesmas idiosincrasias que corroem a América Latina.



O núcleo central para o rompimento dessa barreira de inércia é uma conjugação de gestão, cultura e coragem, e não apenas da simples combinação de fatores externos. A leitura de nossos indicadores econômicos e sociais básicos poderia levar a crer que o Rio Grande estaria mais próximo do que outros Estados brasileiros de resolver essa questão.

Desde 1930, o RS tem sistematicamente perdido espaço em termos de participação na economia brasileira, fenômeno que tem no Rio de Janeiro o seu caso mais radical.

Desde 1980, temos conseguido nos manter em um patamar próximo a 8%, enquanto Estados como Paraná, Goiás, Santa Catarina e até mesmo Minas Gerais têm ganho espaço.



Fontes: IBGE e *Un Siècle d'Économie* (formulação do autor)

O que difere os ganhadores dos perdedores na arena mundial é exatamente a percepção da necessidade de rompimento da inércia econômica, e ação qualificada para obtenção dos resultados. É óbvio que nesse universo todos querem investimentos internacionais, todos querem exportar e todos querem prosperar. No entanto, quem fica "sentado nas tamancas" marca passo enquanto o mundo avança. Em 1980, o RS tinha um PIB *per capita* superior ao da Coréia do Sul e Chile, semelhante à Rússia (então, União Soviética).

No final da década de 70 e início da década de 80 sedimentamos a trajetória de atraso que depois tivemos dificuldades de quebrar. A política econômica de incentivo a financiamentos a juros baixos e posterior abandono com a má desvalorização (a infame Resolução 63) seguindo o *default* de 1982 levou muitas empresas de administração familiar e presença regional à bancarrota. Aos poucos, a condição do crédito agrícola também sofreu os mesmos problemas. A questão fundiária veio à tona, primeiro com o problema das desapropriações mal feitas, depois com o aparelhamento político e o problema de produtividade dos minifúndios. A essa fórmula, que havia empurrado nosso desenvolvimento nas três décadas anteriores, não soubemos trazer uma rápida substituição. Dessa forma, por pelo menos 10 anos vivemos completamente atônitos.

Enquanto o RS dormia, a nova economia começava a tomar forma no mundo. Software, hardware, automação industrial, setor aeroespacial, uma nova divisão mundial na indústria automobilística, os primeiros passos da biotecnologia. Nesse novo mundo, que trazia junto uma fase sem precedentes nos últimos 20 anos de transformação no próprio Brasil, com estabilidade macroeconômica, privatizações e investimentos internacionais, o RS foi apresentado no final da década de 90 em iniciativas que culminaram com a atração da General Motors e da Dell Computers. Se houveram esses dois triunfos, não foram poucas as frustrações, trazidas posteriormente pela atuação excêntrica do governo que sucedeu o de Antônio Britto. A migração da Ford para a Bahia é um fato tristemente lembrado, e que não deve ser esquecido como lição. A laminadora da Gerdau que não houve, a Intel que foi para a Costa Rica, e o centro de semi-condutores da Motorola em Porto Alegre que parece eternamente condenado a não sair da prancheta.

Aquele momento era crucial. Se o processo virtuoso de transformação e atração de investimentos continuasse até meados de 2001, quando houve a grande desaceleração da economia mundial, o Rio Grande hoje já seria muito diferente.

### **Primeiro Paralelo: Argentina**

A Argentina é o exemplo que melhor serve como laboratório para os gaúchos se espelharem em como se destrói uma vocação natural para o desenvolvimento. É um exemplo de quem mais sofre com a falta de desenvolvimento, os jovens. Hoje, cerca de 60% dos jovens argentinos entre 15 e 24 anos vivem abaixo da linha de pobreza. Mais de 1 milhão de jovens não estudam nem trabalham. Entre 1978 e 1988, 70% dos argentinos pertenciam à classe média, e foram caindo de padrão, ano após ano. A situação do Rio Grande como um todo não é tão trágica, até por que nunca chegamos a atingir um patamar de bem-estar tão alto para cair tanto, mas em algumas regiões pode ser até pior.

Para o sociólogo Juan Sebrelli, atrás da deterioração sócio-econômica da Argentina está a deterioração da atividade política e o apego exagerado a tradições na economia. Para Sebrelli, a sociedade argentina fugiu da política, deixando-a entregue a chefetes regionais, demagogos desqualificados e corruptos. A "massa crítica" intelectual e profissional não se manifestou na vida pública. Como resultado, a recorrência aos vícios do populismo e ilusionismo. O setor público argentino é hoje sensivelmente mais atrasado do que o brasileiro. A economia ainda depende muito do setor agropecuário. De bons IDHs, o inferno econômico está cheio. O bom nível cultural e educacional da Argentina não os salvou da perda de rumo. Faltou um mínimo de estratégia e qualificação de lideranças políticas.

### **Segundo Paralelo: França**

Há algum tempo atrás escrevi um artigo, chamado "O RS é a França do Brasil" [http://www.gustavogrisa.com.br/info\\_artigos.php?codArtigo=43&categoria=1](http://www.gustavogrisa.com.br/info_artigos.php?codArtigo=43&categoria=1).

É consenso entre parcela considerável da intelectualidade francesa que o clássico ícone ocidental hoje vive de glórias do passado, como as famílias arruinadas que tentam, mas não conseguem ocultar a perda da prosperidade. O jornalista Fernando Eichenberg escreveu uma ótima matéria na revista Primeira Leitura no ano passado – "França dos Extremos- A arrogância da decadência". A França era o 3º maior PIB *per capita* da União Européia há 10 anos atrás. Hoje, é o 11º.

Na raiz do agravamento das disparidades sociais e das poucas oportunidades econômicas está o conservadorismo, o baixo nível de renovação de lideranças e uma fuga incessante em encarar de frente as reformas do Estado e da previdência que outros países europeus já realizaram há anos. O corporativismo estrangula as tentativas de reforma. Produção e trabalho há tempos encontram-se fora da pauta de discussão. A França tem a maior proporção de funcionários públicos dentre os países da OCDE (25% da população ativa) e uma das maiores cargas tributárias dentre os países industrializados. Em 2008, a dívida pública francesa poderá atingir 67% do PIB.

Quem se perde do rumo do desenvolvimento traz três traços básicos em comum: o conservadorismo, descolamento da realidade e um estado de malaise.

O Rio Grande sofre das três síndromes.

### **Os três traços básicos do atraso do RS**

- a) **Conservadorismo**- é o apego exagerado ao passado, mais do que às tradições. É o culto do que sempre foi feito, sem questionar se é a melhor forma de ser feito, ou até quando é válido ser feito daquela forma. Um traço característico do gaúcho que manifesta-se na prática através do isolamento cultural e econômico. É o culto à agropecuária extensiva, o culto à terra e a propriedade como fonte de riqueza, a insistência tão-somente na subsistência.
- b) **Descolamento da realidade**- é o baixo entendimento e acompanhamento da dinâmica da mundo. É um centrismo exagerado somente nas nossas coisas e nas nossas questões mezinhas do dia-a-dia. Ao não entender como o padrão de desenvolvimento do mundo mudava, insistimos em velhas fórmulas que apenas pioraram a situação. Quem não entende bem a realidade não consegue escolher bem as lideranças para lidar com as novas

realidades. Como resultado, o deserto de idéias e novas lideranças que vivemos hoje. O que se prega e se debate pelo Rio Grande afora ainda é prato requentado de 20, 30 anos atrás.

- c) **Malaise**- é o sentimento de apatia da população, que passa a esconder-se em estratégias de sobrevivência econômica de curto prazo. É a cultura do "oh dia, oh vida, oh azar", junto com teses de perseguição e deterioração das escolhas políticas, com valorização da demagogia e clientelismo, que se alimenta da reprodução da pobreza. A pobreza envergonha, massacra, tira a dignidade do ser humano. E em um povo com a formação cultural do Rio Grande esse processo é silenciosamente e particularmente cruel.

### **A dinâmica econômica insuficiente e o indivíduo**

É no mínimo míope uma análise que separa a dinâmica econômica do bem-estar do indivíduo, ou coloca as duas questões separadamente. Como resultado da dinâmica econômica inadequada, estão as desigualdades regionais, o sentimento de desesperança, a migração (encontram-se gaúchos pelo Brasil e mundo afora, em busca de melhores oportunidades), altas taxas de alcoolismo, drogadição e psicoses que acompanham a falta de perspectiva presente e futura, e um sentimento de "tempo perdido".

Uma população com este grau de vulnerabilidade está pronta para ser vítima de radicalizações, sejam políticas ou religiosas. O fanatismo e desqualificação da política vêm dessa necessidade de esperança, uma esperança necessária porém nem sempre calcada em fatores racionais.

### **II- Desenvolvimento e Risco Político**

O investidor internacional é o gato mais escaldado do processo de desenvolvimento. Foge de governos corruptos, incompetentes, baixa estabilidade regulatória, e instituições pouco sólidas como um gato foge de um balde de água fria. Da dependência do capital externo e das idas e vindas na convivência com esse capital externo vem parte da crônica entre a aceleração e a retração do processo de desenvolvimento. Basta verificar o processo de crescimento econômico dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento neste século. Enquanto os países desenvolvidos apresentaram um padrão de crescimento homogêneo de seu PIB *per capita*, multiplicado na média por 2 em 100 anos, os países em desenvolvimento demonstram casos de estagnação total até uma multiplicação por fator superior a 5 (o caso da Coreia do Sul). Na raiz da irregularidade está a administração melhor ou pior dos fatores sistêmicos de competitividade.

#### **O Fator Piratini**

O risco político envolve não apenas a disposição de um governo em cometer excentricidades, mas também a disposição e capacidade de um governo em promover o desenvolvimento. O governo do Estado tem um papel importante, por ser talvez a maior força mobilizadora presente especificamente no Rio Grande.

Mas a noção de que o Palácio Piratini, seus ocupantes, assessores e principalmente as idéias e vontades que o habitam são responsáveis pelo que acontece de bom ou ruim no Estado é um exagero de pretensão do formulador de política pública e uma acomodação matreira do cidadão.

Os Governos Estaduais são responsáveis por cerca de 20% do que avançamos em termos de desenvolvimento em um mandato de governador. Os outros 80% continuam sendo resultado de uma conjunção LIDERANÇAS DA SOCIEDADE + EMPRESAS + CONJUNTURA NACIONAL/INTERNACIONAL. Porém, exatamente por fazer a parte "final" da equação do desenvolvimento, porém, que o Fator Piratini é fundamental. E as posturas dos governos se situam em três padrões:

**a) Postura Neutra/Pró-Cíclica Neutra** - A grande maioria dos Governos situa-se em um padrão neutro, em que se posiciona entre boas intenções e o incêndio do dia-a-dia, e coloca-se entre a omissão e a benevolência, vendo com bons olhos e procurando ajudar, ainda que pouco, o desenvolvimento econômico.

**b) Postura Contra-Cíclica** - Algumas administrações, felizmente poucas até hoje, conseguiram a peculiaridade de agir negativamente para o resultado desta equação, contaminando o entusiasmo dos outros agentes e jogando contra o desenvolvimento e o bom-senso. Acredito que não vem ao caso nominar o exemplo negativo, até por que a memória recente do povo gaúcho parece ser boa.

**c) Postura Pró-Cíclica Ativa**- Finalmente, alguns governos conseguiram quebrar a mesmice e colocar o Rio Grande à frente da velocidade em que roda o mundo, trazendo uma dinâmica à frente do ciclo mundial de desenvolvimento no período. Essa conjugação feliz, de fatores externos favoráveis e administração empreendedora, ocorreu algumas vezes, mas com menor frequência do que poderíamos ou deveríamos.

Em suma, o Fator Piratini ajuda o RS a caminhar atrás, na mesma velocidade ou a frente de outros governos no Brasil e no mundo. É mais um fator a somar na equação final da competitividade, e em grande parte depende da capacidade de trânsito, credibilidade e mobilização do Governo na sociedade local, nacional e internacional.

### **III – Os Tradicionais e os Novos Fatores do Desenvolvimento**

Tradicionalmente, para desenvolver-se um país ou região precisava ter fatores naturais que propiciassem prosperidade. O Japão, uma ilha repleta de vulcões, e o deserto do Arizona são alguns desmentidos veementes. Educação, saúde e nutrição importavam e continuam importando. As "vantagens comparativas" hoje são bastante discutíveis, uma vez que a grande maioria dos produtos pode ser fabricado em qualquer lugar do mundo, produtividade tornou-se muitas vezes mais importante do que disponibilidade de matéria-prima. A teoria estapafúrdia de que clima era um determinante do desenvolvimento também já caiu por terra com a Austrália, Nova Zelândia e determinadas regiões da América Latina.

O baixo custo de mão-de-obra, que fez a alegria das multinacionais na década de 70, hoje é um fator secundário diante do índice final de produtividade.

Os tradicionais fatores de desenvolvimento hoje deram vez a novos fatores de desenvolvimento, que têm pautado os rumos do mundo há pelo menos 15 ou 20 anos: entendimento da dinâmica do mundo, educação profissional adequada à demanda do mercado, condições sistêmicas políticas e sociais estáveis baseadas em democracia e não em força, vinculação aos setores dinâmicos da economia mundial,

logística, produtividade e uma política consistente aliando desenvolvimento e meio-ambiente sustentável.

#### **IV – A Agenda Estratégica**

A Agenda Estratégica não traz nenhum “coelho da cartola”, ou fórmulas que alterem contratos, instituições ou dependam fundamentalmente de fatores externos. É tão simplesmente a combinação de direcionamentos que auxiliem o Rio Grande a estar mais preparado para o padrão de desenvolvimento atual. E principalmente a não perder tempo e esforços com soluções aparentes desvinculadas de uma matriz produtiva mais atualizada e culturalmente conectada com o futuro.

A Agenda divide-se basicamente em 7 (sete) eixos, e teria um “prazo de validade” de 5 a 10 anos, sem perder a atenção a atualizações. Os eixos são: Setores Dinâmicos, Educação, Agronegócio, Gestão Pública, Extensão Social, Meio Ambiente/Planejamento do Espaço e Política e Cultura.

##### **a.Eixo dos Setores Dinâmicos**

Neste eixo está o estímulo à atração de investimentos e concentração de recursos nos segmentos que têm puxado o crescimento da economia mundial nos últimos 10 anos: biotecnologia, tecnologia da informação (*software* e *hardware*), comunicações integradas, novos materiais, indústria aeroespacial, automação industrial. Incentivo à expansão digital, subsídio à Internet banda larga, acessos públicos.

Caso contrário, continuaremos a correr “atrás da máquina”. A priorização desses setores poderá trazer a economia do RS a um ganho médio de produtividade em um prazo relativamente curto, além de agregar empregos de qualidade e fomentar atividades de pesquisa em universidades. É a fórmula que tem dado certo na Irlanda, determinadas regiões dos EUA e Índia. Nossa massa crítica em termos de recursos humanos é mais do que razoável, bastaria um programa consistente de incentivo. Assim torna-se possível o “choque de renda” em termos ampliados, o mesmo princípio dos investimentos de GM, Dell e Ford. Para isso, é necessário trazer empresas-âncora nesses segmentos e aumentar o poder de fogo das empresas locais. No mínimo, a estrutura de fomento do Estado poderia voltar-se para esses segmentos. Ao mesmo tempo, devem ser buscadas alternativas para recursos internacionais.

Por outro lado, o apoio à internacionalização de clusters tradicionais com nível de excelência para domínio do mercado brasileiro e crescimento de exportações com iniciativas de marca, design e denominação de origem. É o caso das indústrias vinícola, de mobiliário, alimentos, calçados. *Design*, valorização de marca, são preocupações crescentes da iniciativa privada, e devem ter todo o apoio necessário do setor público.

##### **b.Eixo da Educação**

A educação não pode distanciar-se da economia que se projeta. O ensino básico e universitário deve continuar a ser estimulado, mas a grande revolução deve dar-se no ensino profissionalizante, mecanismo de inclusão social acelerada. Por que não adotarmos o exemplo das SMART SCHOOLS da Malásia, escolas destinadas a formar profissionais nas áreas de tecnologia da informação e comunicações integradas, com o auxílio da iniciativa privada? Uma SMART SCHOOL por região do Estado, e as

perspectivas dos jovens poderiam mudar. Podemos ter uma SMART SCHOOL para aplicações biotecnológicas, por exemplo.

A estrutura pública e privada deve voltar-se a uma atualização em termos de economia e cultura. O incentivo à inclusão digital acelerada através de escolas e acessos públicos à Internet urge. Nosso povo precisa conectar-se ao mundo com urgência. Descobrir novas oportunidades. E deixar de lado o preconceito contra a união das iniciativas pública e privada em programas educacionais. Podemos desenvolver os conceitos de assistência plena a determinados alunos, e complementar vagas não disponíveis na rede pública com vagas ociosas em colégios particulares. Por que não? O primeiro passo de bem educar-se é livrar-se de preconceitos bobos.

### **c. Eixo do Agronegócio**

O agronegócio está no DNA da economia gaúcha. Mas é necessário romper em um primeiro momento com todos os ranços de populismo e clientelismo nessa área. Incorporar princípios de logística e integração sob uma lógica empresarial, de grande escala, como está acontecendo hoje no Centro-Oeste. É inadmissível que o povo que criou o agronegócio no Brasil hoje sofra uma decadência tão acelerada. O uso intensivo de biotecnologia não deve apenas ser liberado, mas antes de tudo incentivado. Reconversão nas lavouras pouco produtivas de arroz e pecuária da Metade Sul é urgente. O Rio Grande é historicamente pobre em milho, e poderíamos criar um estímulo extra à indústria avícola, por exemplo. Reconversão é um caminho viável, sempre em integração com a indústria e distribuição.

Os programas de reflorestamento são uma bela iniciativa, mas é preciso prestar mais atenção no que se está fazendo nos países vizinhos nessa área.

Finalmente, devemos aproveitar da ampla condição democrática em que vivemos para debater sem medo a validade do modelo de reforma agrária hoje em marcha no Brasil. Qual o propósito do modelo atual? Creio particularmente que é um modelo de repartição de pobreza, contrário a princípios básicos de mercado e produtividade. Poderíamos avançar um pouco, pesquisar mais, encontrar uma forma de inclusão no campo menos fundamentalista e mais racional.

### **d. Eixo da Gestão Pública**

O mal básico que atinge as finanças do Rio Grande é o mesmo de outros Estados brasileiros mais antigos: o desequilíbrio entre a arrecadação e as despesas, e o comprometimento com despesas de pessoal e serviços de dívida. Como resultado, o Estado passa cada vez mais a ser apenas um repassador e distribuidor de recursos, e cada vez menos um condutor de funções-fim de desenvolvimento, saúde, educação, segurança e bem estar. Para início de conversa, é necessário maior foco nas funções-fim do governo estadual. Todo e qualquer recurso para melhoria da administração pública, como o PGQP e a implantação de métodos de planejamento utilizados pelas melhores empresas do mundo como o *Balanced Scorecard* devem ser ampliados.

Só conseguiremos saltar na frente se pensarmos e agirmos antes e com maior eficiência e coerência. A recuperação de certa instrumentação para o desenvolvimento para o Governo do Estado é fundamental.

Na solução da crise financeira, talvez algumas decisões difíceis tenham que ser tomadas. Para isso, a sociedade e o próprio legislativo deveriam tomar posições mais responsáveis e construir uma verdadeira reforma no Estado gaúcho, com uma abertura mais ampla dos problemas com pessoal e previdência. Poderia iniciar com uma explicação mais clara e pública de como se deu esse processo, e em que momentos houve aceleração na contratação de pessoal direto com fins políticos.

Dentro desse espírito, a identificação e valorização das carreiras típicas de Estado não pode ser perdida para não sofrer o sucateamento. A evolução na direção de um Estado cada vez mais profissional e menos politizado só se atinge com estrutura institucional preparada para este fim.

No mesmo espírito da questão fundiária, devemos repensar sem preconceitos o sistema financeiro estadual e sua função-fim à sociedade gaúcha. Repensar empresas e autarquias que poderiam ser privatizadas, se fossem direcionadas para finalidades específicas de desenvolvimento.

Um dos principais problemas do Rio Grande para crescer hoje é exatamente a situação difícil da máquina administrativa estadual e a alta carga tributária decorrente da equação financeira para sustentá-la. A máquina é extensa, superlativa em alguns pontos e certamente insuficiente em outros. A tarefa de repensá-la é hercúlea, mas fundamental para viabilidade de qualquer agenda de desenvolvimento.

#### **e. Eixo da Extensão Social**

Não é apenas prosperidade econômica que recupera a dignidade e restaura parte do tecido social do Estado, particularmente nas regiões que mais têm sofrido com o processo de estagnação. São os sintomas pessoais da dinâmica do conjunto. É premente um programa social baseado nos princípios mais modernos de extensão, construído a partir da consciência da construção de um "choque de informação". As palavras-chave são coragem e pouca hipocrisia.

A consciência que saúde, educação e emprego estão diretamente vinculados à estabilidade social viria no aproveitamento dos espaços públicos da saúde e educação para o programa de Extensão. Pontualmente, a intensificação de alguns programas seria necessária:

1. Amplo programa estadual contra drogadição: não apenas intensificação de campanhas, mas também ampliação do atendimento e tratamento ao drogadito que não tem condições de buscar recursos na rede particular.
2. Programa amplo contra o alcoolismo e de recuperação do alcoolista: sem nenhuma hipocrisia, nas regiões particularmente mais estagnadas do Estado, o alcoolismo é quase endêmico em determinadas faixas etárias e de renda. A despeito dos esforços hoje realizados, é preciso ampliar este programa, não apenas com atendimento regional e público para tratamento e recuperação de alcoolistas, como campanhas públicas mais amplas. Seria um exemplo de avanço efetivo do Rio Grande para o Brasil.

3. Programa de planejamento familiar: a despeito da estatística geral, nas regiões menos favorecidas e nas classes de menor renda a média de natalidade continua alta, ainda mais se considerarmos a renda familiar por indivíduo. Com coragem e modernidade um amplo programa de planejamento familiar auxiliaria a melhorar a relação de renda por indivíduo e melhor conscientizar a população sobre o fortalecimento do núcleo familiar, e o funcionamento das estruturas de saúde e educação.

#### **f. Eixo do Meio Ambiente e Planejamento do Espaço**

O eixo do meio-ambiente e planejamento do espaço deve favorecer à melhor e mais racional atividade econômica, e não freá-la. Como parte de uma visão de planejamento de espaço e ambiente de médio prazo está a atração de indústrias de alta tecnologia, particularmente limpas, e incentivo a programas de produção limpa. A adoção de planos diretores pelas cidades, sua padronização e integração. O tratamento de resíduos, esgotos e reciclagem poderia ser preparado em módulos, para ser utilizado em pequenos municípios.

O ambiente de circulação interna central e turístico deve obedecer a eixos mínimos, com tratamento paisagístico, logístico e de serviços condizentes. As cidades médias do interior devem passar gradativamente a incorporar conceitos de planejamento de metrópoles regionais.

Finalmente, o Pró-Guaíba deve ser acelerado e priorizado, trata-se de um dos programas mais bem concebidos já em marcha em nosso Estado. A visão da importância dos recursos hídricos para nosso desenvolvimento começa pelo símbolo universal de recurso hídrico para os gaúchos.

#### **g. Eixo da Política e Cultura**

Política e cultura não são funções do Estado, e sim da sociedade, seja organizada, seja através de manifestações espontâneas. No entanto, o Rio Grande do Sul, seja por sua tradição de prática política e debate cultural deve manter atenção a princípios básicos que sustentam uma sociedade desenvolvida:

1. Valorização da democracia e empreendedorismo e de realizações que fomentem estes princípios.
2. Estímulo à sociedade participativa, com maior coordenação de ações com entidades e organizações do terceiro setor.
3. Defesa do livre debate de idéias, e manutenção da desvinculação oficial do Estado com verdades facciosas de qualquer matiz ideológica.
4. Incentivo à maior participação da sociedade na política e ao próprio debate político, com vistas à formação de novas lideranças, sem caráter partidário, mas também de administração e estratégia pública.
5. Incentivo a indústrias que tragam recursos financeiros e atividades ambientalmente positivas ao Estado, fomentando também o turismo, como cinema, entretenimento e produção musical. O povo gaúcho precisa se ver para se identificar.

## V- Princípios para Construção do Futuro

O que está funcionando em países como Espanha, Coréia, Irlanda, Chile e em algumas regiões brasileiras nos dá princípios para pensarmos concretamente na nossa trajetória de construção do futuro:

a. Na aventura do desenvolvimento, não há lugar para aventureiros; é um mundo de construção diária e consistência.

b. Ainda que os dois itens sejam importantes, deve haver um equilíbrio entre senso de oportunidade e qualificação das propostas para captação de investidores internacionais de risco e inserção em programas setoriais. As boas intenções devem vir acompanhadas de análise, preparação e condições racionalmente plausíveis.

c. Apaziguamento de ânimos, entendimento e pragmatismo. É necessário um clima de cooperação e tranquilidade para a formulação de uma política de desenvolvimento conectada com o mundo e certo grau de inovação.

d. A sociedade gaúcha e seus interesses estão acima de interesses político-partidários de curto prazo. Portanto, o debate de uma agenda de desenvolvimento deve ser supra-partidário e ter o apoio de todos os segmentos políticos e da sociedade. É bom não confundir nossa tradição de alternância no poder com falta de responsabilidade com a população.

e. Identificar a "nova" divisão política. A "nova" divisão política, mais do que partidos, divide os candidatos a administradores públicos dentre aqueles que têm visão e consciência de seu papel e aqueles que estão na política apenas para satisfazer seus níveis mais baixos de satisfação. Essa é a grande divisão a que os eleitores devem estar atentos. Quem traz uma visão, uma responsabilidade com o futuro e quem não faz a mínima idéia do que está se passando.

Se devemos em algum momento nos inspirar nas palavras do hino rio-grandense, temos que fugir da pretenciosa frase que diz "*servam nossas façanhas de exemplo à toda Terra*". É desse triunfalismo míope que vem parte do nosso atraso. Devemos ter mais atenção ao trecho que diz que "*povo que não tem virtude, acaba por ser escravo*". Ser escravo da pobreza, da pouca realização é no mínimo triste para um passado com tantas aspirações gloriosas.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Roberto: A lanterna na popa: memórias. Top Books, 1994.
- CORTÉS, Carlos E.: *Gaúcho Politics in Brazil: the politics of Rio Grande do Sul, 1930-1964*. University of New México Press, 1974.
- DAVENPORT, Thomas e BECK, John: *The Attention Economy*, Harvard Business School Press, 2001
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, [www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br), Governo do Estado do Rio Grande do Sul.
- FURTADO, Celso: Os ares do mundo. Paz e Terra, 1992.
- HOWELL, Llewellyn D. *The Handbook of Country and Political Risk Analysis*. The PRS Group, 1998.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), Informações do Século.
- LAGO, Luiz A.C.: *Oswaldo Aranha, O Rio Grande e a Revolução de 1930*. Ed.Nova Fronteira, 1995.
- LES ECHOS – revista de negócios francesa : *Un Siècle d'Économie*, Les Echos/Calmann-Lévy, 1999
- MACEDO, Jorge B., FOY, Colm e OMAN, Charles: *Development is Back*, Centro de Desenvolvimento da OCDE, 2003.
- McRAE, Hamish: *O Mundo em 2020*, Editora Record, 1994.
- PRIMEIRA LEITURA, [www.primeiraleitura.com.br](http://www.primeiraleitura.com.br)
- SCHLESINGER JR., Arthur M. *A thousand days: John F. Kennedy in the White House*, Mariner Books, 2002.
- SCHWAB, Klaus e PORTER, Michael E. *The Global Competitiveness Report 2002-2003*, The World Economic Forum, 2003.
- WILSON, Frank L. *Concepts and Issues in Comparative Politics*. Prentice-Hall, 1996.